

O curse de Geologia da UFPE Romantismo, Humorismo e APELIDOS

Paulo de Barros Correia (Mufula, Paulinho, Paulo Cupira, etc) UFPE, 1978

Diante do Cinqüentenário do curso de Geologia da Universidade Federal de Pernambuco, me veio a idéia de registrar episódios engraçados e/ou românticos (no sentido profissional) vividos por alunos dessa encantadora profissão. A idéia é documentar as histórias picarescas que acontecem no dia a dia do geólogo, desde o começo da sua carreira, que evidentemente começa na graduação. Não se trata de uma obra literária, mas de uma necessidade de registrar essas pequenas histórias vividas e compartilhadas com amigos e colegas.

Para quem não conhece, o dia do geólogo é árduo, pesado, mas nunca monótono. Tudo é compensado com a observação da natureza. A própria observação de estruturas geológicas no campo e a confirmação de teorias provadas passo a passo pela integração de feições interdependentes, dão uma satisfação indescritível. Satisfação não menos importante e compensadora é a observação e a convivência com figuras humanas tão únicas quanto especiais. Só nos locais de trabalho do geólogo se pode ter esse privilegio.

As histórias que se seguem são baseadas em depoimentos dos geólogos que as viveram ou presenciaram. Algumas, no entanto, encontravam-se na memória do narrador.

A VACA QUE BOTOU EM MESTRE BELTRÃO

O professor João Manoel Filho, formou-se em 1962 e trabalhou por muito tempo na antiga Sudene, órgão que fomentou o desenvolvimento da geologia no Nordeste. Evidentemente, trabalhava com hidrogeologia.

Antonio Beltrão, formado em 1964, nos tempos da Sudene, era o companheiro de campo de João Manoel. Beltrão, a exemplo de muitos geólogos, tinha problemas com animais que encontrava pelo campo, notadamente bois e vacas.

Em certa ocasião estavam fazendo um levantamento hidrogeológico e topográfico de poços, no Rio Grande do Norte e chegaram a uma propriedade onde havia uma vaca que tinha dado cria havia pouco tempo. Geralmente a vaca de bezerro novo fica mais brava do que o normal, devido aos cuidados em defender sua cria. Para se ter acesso ao poço daquela propriedade, tinha-se que atravessar o curral. O dono da propriedade, disse que não haveria problema se ele estivesse presente na hora em que fossem passar pela vaca. Beltrão, já com ares de apavorado disse que iria, porque tinha que fazer o trabalho, mas que estava com medo, isso ele estava! Sem mais delongas, entraram no curral: o dono da propriedade na frente, Beltrão atrás dele e João Manoel atrás de todos. Dizem que quando estamos com medo, exalamos um odor que os animais percebem de longe e ficam alertas, principalmente quando estão protegendo sua cria. Foi o que deve ter acontecido com Beltrão. Assim que entrou no curral, Beltrão encarou a vaca. A vaca também encarou Beltrão, dando aquela abanada característica nas orelhas. João Manoel notando, falou:

- Beltrão, não olha pra essa vaca! Deixa essa vaca pra lá! Fica atrás do homem!

- Então deixa eu passar pra trás! Implorou Beltrão.

- Tudo bem.

João Manoel seguiu sem olhar para a vaca, olhando para as costas do homem e Beltrão atrás, encarando a vaca. Quando chegou perto, a vaca abanou as orelhas e balançou a cabeça. Aí Beltrão parou, apavorou-se e correu. A vaca partiu de lá, correu atrás de Beltrão, deu-lhe uma chifrada na bunda, que ele subiu uns três metros e caiu como uma jaca na areia. Ainda bem que era areia.

- Puta que pariu, o senhor não disse que a vaca era mansa? - Reclamou, todo ralado, Beltrão.

No outro dia, todo arranhado e remendado com esparadrapos, Beltrão estava com João Manoel em um poço “amazonas” numa comunidade em outro local. Ao redor do poço tinha muita gente. Uns pegando potes ou latas d’água e outros dando de beber aos animais. João Manoel coletava amostras e fazia a medida do nível da água, enquanto Beltrão anotava. De repente aparece um menino puxando um touro “nelore” enorme, por uma cordinha que mal dava para segurar um vira latas pequeno. O touro era de uma docilidade inacreditável. O menino pegou uma bacia, encheu d’água e deu para o touro beber. Beltrão anotando os dados, não percebia nada. O touro enorme estava bebendo água a menos de 50 centímetros atrás de Beltrão. João Manoel com medo da reação de Beltrão falou:

- Beltrão, tenha calma e olhe pra trás!

Beltrão olhou, deu um pulo e já caiu em pé com o revólver na mão, gritando:

- Eu mato, eu mato ele. Tire esse boi daí, senão eu atiro nele!

O MESTRE

O Mestre era uma figura que só chamava a atenção quando falava. Magrinho e de bigodinho fino, da primeira vez que fez uma pergunta em sala de aula, carimbou logo o seu apelido. Com voz grave e puxando pelo "S", toda pergunta que fazia, vinha precedida de Mestre, adjetivo com o qual tratava o professor da vez.

Osmar Pereira de Moraes, formado em 1977, veio de São Bento do Una-PE. O Mestre era um devorador de livros, no bom sentido. Estudava muito. Às vezes estudava até de mais. Estudava as coisas de geologia e também tinha a saudável mania de ler o dicionário de Aurélio Buarque de Holanda. Por causa disso, constantemente chegava com palavras desconhecidas e empregadas, sem querer nem saber se o contexto estava correto ou um pouco deslocado.

Gostava muito das musicas de Roberto Carlos, o “Rei”, que era realmente um Rei para ele. O Mestre era doido pra namorar. Toda vez que aparecia uma menina por perto, ele começava a

cantarolar as musicas de Roberto Carlos. Apesar disso, uma musica que fez muito sucesso na época, fez também a cabeça do Mestre. Foi “Romaria” de Renato Teixeira, cantada por Elis Regina. O Mestre vivia cantando essa musica o tempo todo.

Certa vez, foi a um simpósio de geologia em Minas Gerais e à noite andando pela cidade, aportou em um banco da praça central. Uma menina bonitinha que estava no outro banco, começou a olhar pra ele esboçando simpatia. Depois de algum tempo, o Mestre se aproximou da menina e utilizando uma frase da musica de Renato Teixeira, atacou bem meloso:

- *Eu só queria lhe mostrar.*

- *Meu olhar, meu olhar, meu olhar!*

Nunca mais o Mestre viu a menina, pois ela sumiu na hora. Claro que depois de algum tempo já formado, o Mestre arranjou uma companheira, com a qual vive até hoje. Mas, foi difícil, devido à erudição do Grande Mestre, Osmar Pereira de Moraes.

ROCHA OU ZÉ DA MACUCA?

José Oliveira Rocha. Com este nome e estudando geologia, só poderia ter o apelido de Rocha. Também foi formado em 1977 e veio de Garanhuns. Rocha era crente (hoje este termo mudou para evangélico), muito estudioso e inteligente também. Amante da boa musica, logo cedo mostrou o seu gosto pela cultura nordestina, através de discos, fitas gravadas e da literatura. Apesar de toda essa carga cultural e da vontade de tocar algum instrumento, Rocha era desentoado e não tinha ritmo.

Ainda estudante, no final do curso, foi a um simpósio de mineração em Porto Alegre, juntamente com vários colegas de turma. Dentre esses colegas estava Paulinho que tocava violão e era seu amigo constante de papos e de musica. Ao chegar em Porto Alegre, depois de 3 dias pagando um hotel barato na rodoviária, Paulinho decidiu ir ao DCE (Diretório Central dos Estudantes), para ver se conseguia dormir por lá, pois o dinheiro estava acabando. Chegando ao DCE encontrou um galego, possivelmente descendente de alemão:

- Companheiro! Sou do Recife, estudante de geologia e gostaria de saber se posso dormir aqui no DCE, pois vim para um simpósio e o dinheiro está acabando.

O galego olhou-o de cima a baixo e falou:

- Que você é do Recife, eu não tenho duvida. Com este sotaque, nem que eu não quisesse acreditar. O que tenho dúvida é se você é mesmo estudante, pois há muita gente infiltrada no movimento estudantil e temos que ter cuidado. Mostre sua carteira!

Paulinho mostrou a carteira de estudante, o galego relaxou e descobriram na conversa que eram da mesma tendência política.

- Companheiro é o seguinte. Você não vai dormir aqui, Tchê. No meu apartamento, moramos seis estudantes, dois foram presos e por isso temos duas vagas. Chame outro companheiro que seja de sua confiança e pode ir ainda hoje dormir lá. O companheiro escolhido foi justamente Rocha.

Chegando ao tal apartamento, a primeira coisa que viram foi um piano e um violão. Rocha andava com um "ganzá", o qual apesar de ser muito discreto, nunca era tocado apropriadamente, pois seu tocador como já disse, não tinha ritmo. Mas, a tentação é grande e os dois não se contiveram. Cada um pegou o seu instrumento e seja o que Deus quiser. Espantosamente, Rocha começou a acompanhar fora do ritmo, mas aos poucos foi acertando e nessa parte (no ritmo) não errou mais. Mais espantoso ainda, começou a cantar. Tá certo que foi Asa Branca, mas entou. Foi aí que Paulinho, ateu convicto, começou a duvidar da inexistência de Deus. Se Zé Rocha estava cantando e tocando sem desentoeirar e sem sair do ritmo, é porque algo sobrenatural tinha dado uma "forcinha" a ele.

A partir daí, Zé Rocha começou a tocar outros instrumentos, como triangulo, zabumba, pandeiro e tudo que fosse percussão. Voltou às raízes, assumiu sua fazenda à qual deu o nome de MACUCA, montou um boi e hoje é ZÉ DA MACUCA. Vale salientar que o Boi da Macuca já gravou um CD na Alemanha e já apareceu em vários filmes sobre a cultura pernambucana. O melhor. Nunca mais se viu ou ouviu Zé da Macuca desentoeirar ou sair fora do ritmo.

Dizem que o BOI DA MACUCA é um tremendo pé frio, pois a presença dele na Copa do Mundo de 1998 na França, foi um dos fatores que influíram para o Brasil perder a partida final, assim como a convulsão do Ronaldo Fenômeno, claro!!!! (Christino).

DEU O PREGO

Trabalhando na Mina Bodó, município de Santana do Matos-RN, na década de 80, o geólogo Paulo de Barros Correia, conhecido por Mufula, programou uma travessa que passava do corpo de minério principal para outro paralelo, pois achava que fosse também mineralizado. Depois de uns cinco dias avançando na galeria, estava almoçando quando chegou um operário esbaforido e disse:

- Doutor, a travessa deu o prego.

Ficou preocupado, pensando que tinha acontecido algum acidente e saiu às carreiras para o subsolo. Quando chegou ao local, qual foi sua surpresa! A frente de galeria era só pegmatito, que o pessoal do Bodó conhecia por prego. Pediu que continuasse a perfuração chegando ao outro corpo de minério cerca de dois dias depois.

Aí percebeu que o pessoal do Bodó tinha uma terminologia diferente para cada coisa. Gnaisse era GNAI, mentiroso era CORTADOR DE VARA, a parte da mina onde se tinha garimpado até a exaustão e que estava tudo derrubado era chamada de CANGERÊ ou VIETINÃ e o pegmatito evidentemente era o PREGO.

O GORDINHO E O CAPITÃO

Da turma de 1973, Valdir do Amaral Vaz Manso, o Gordinho, adquiriu este apelido quando estava no programa de mestrado em Geociências da UFPE. Fotografias antigas dão conta de que o Gordinho era magro na época em que era estudante de geologia. O Gordinho tinha um amigo inseparável que era Helmo Marinho, vulgo Capitão.

Pelo fato de ser muito destemido no campo e de chamar todo mundo de Capitão, acabou tendo esta patente como apelido. O Capitão também era muito gozador e criativo. Natural do Rio Grande do Norte, já trabalhava como técnico em prospecção quando veio fazer o curso de Geologia no Recife. Aqui conheceu Valdir (o Gordinho) e ficaram amigos. Em períodos de férias, geralmente o Gordinho ia estagiar na Nuclebras, que era a empresa na qual Helmo trabalhava. Dava-se um jeito de arrumar um estágio para o Gordinho e ele ia.

Dessa vez, os dois estavam mapeando uma anomalia radiométrica entre Parelhas e Currais Novos. Helmo era uma lucura!. Dirigia o "jip" a alta velocidade e passava marcha com uma ignorância incomum. O Gordinho dizia:

- Capitão, anda mais devagar! Nessa estrada estreita, aparece uma vaca ai na frente e a gente se fode!

- Amigo velho! Isso é assim mesmo, eu já estou acostumado! - Respondia Helmo

Depois de detectada a anomalia e devidamente mapeada, os dois chamaram o chefe da geologia que tinha o nome de Favalli, para uma visita àquela que seria a maior anomalia radiométrica do Seridó.

Entraram no "jip": o Gordinho atrás, Helmo dirigindo e Favalli, o chefão, no lado do carona. Pra começar, o Capitão deu uma saída tão rápida, que os dois que não estavam dirigindo, quase quebram os pescoços. E voooooo! Saiu virado na "gota", em zig zag, pulando e fazendo poeira pela estrada. Depois de uns três sopapos, Favalli com os cabelos voando e segurado no "ora porra", gritou:

- Vai devagar, Capitão!

- Nada Favalli, estou acostumado.

Não terminou a frase, atravessou um cavalo na frente do carro no meio da estrada. O Capitão desviou e sem pisar no freio, entrou mato a dentro. E o "jip" pulando e dando solavancos que nem um burro bravo. Passava mandacaru, passava aveloz passava vaca, bode, o diabo a quatro. E o carro pulando e os três também. De repente, aparece na frente do carro um pé de manga enorme.

- É ali que a gente vai se foder. Aí, meu Deus! - Gritava o Gordinho.

O Capitão meteu o pé no freio, o "jip" foi derrapando, derrapando e bem devagarinho, parou encostadinho no pé de manga. Favalli, agarrado no "ora porra", travado, gritou:

- Capitão, fela da puta, bate nesta porra!!! Bate nesta poooooorra!!!

O GALEGO PISOLAR

O nome dele é Ricardo Pereira. Formou-se em 1977. Ricardo era um galego de estatura de média, mas era um “armário”. Musculoso e bem definido, o Galego parecia um desses competidores que adquirem o prefixo de “Mister”. Originário de Alagoas, o Galego, segundo ele mesmo, foi pego na carreira como um touro bravo no meio do mato, para vir estudar no Recife. Depois que o seguraram, sua mãe deu-lhe um caco de telha para ele ir ao riacho tirar a metade do calo de 5 centímetros de espessura que tinha como se fosse um solado, no pé.

O Galego chegou na primeira aula do curso de geologia, vestido com uma camisa bem justa, com uma propaganda da PISOLAR, loja de material de construção de seu tio. Bastou o pessoal olhar para ele, o apelido veio na hora. PISOLAR.

Pisolar morava na Casa do Estudante de Pernambuco, aquela que fica no bairro do Derby. Na mesma época em que foi aceito como “interno da casa”, Paulinho também foi admitido. Como já se conheciam da escola de geologia, foram morar no mesmo quarto. Ninguém sabia, mas Pisolar apesar de ser uma pessoa boníssima, era sonâmbulo e violento no seu sonambulismo. Uma noite, Paulinho que dormia numa cama vizinha, acordou com Pisolar em pé com uma cadeira nas mãos pronto para estraçalhá-lo de uma cadeirada. Paulinho rolou para o lado, caiu no chão e só ouviu a cadeira se desmanchando em pedaços como se fosse de isopor. Naquele dia, pediu para mudar de quarto, não que estivesse com raiva do Galego, mas por puro “extinto” de sobrevivência.

Já morando em outro quarto, Paulinho certo dia foi acordar o Galego. Chegou perto da cama, cutucou-o e disse:

- Galego, acorda!

Não devia ter feito isso. O Galego deu um pulo, pegou no pescoço de Paulinho com uma mão e deu um murro com a outra. Paulinho gritou:

- Sou eu! E se abaixou.

Pisolar deu um soco no ar e rodou, caindo os dois no chão. Só aí, se acordou. A partir desse dia Paulinho acordava o Galego sem chegar perto. Se escondia atrás de um armário que tinha no quarto e jogava uma sandália. Da primeira vez o Galego estraçalhou a sandália, mas aos poucos foi amansando. Depois de um certo tempo só dava um pulo jogando a sandália bem longe ou em alguém que estivesse por perto.

Maguinho é um paulistano que veio uma vez conhecer o Recife e nunca mais voltou para São Paulo. Amigo dos primos de Pisolar, o Maguinho foi passar um fim de semana na praia de

Suape, onde também estava o Galego. A casa estava cheia, mas tinha uma casa vizinha desocupada, na qual estava dormindo Pisolar. Nada mais pratico do que colocar o Maguinho para dormir na casa vizinha e também fazendo companhia a Pisolar. Um primo do Galego, muito gozador contou as histórias pregressas e sério, disse para o Maguinho:

- Ele é sonâmbulo e se ele sonhar transando, ele vai te comer. E ele é violento.

O Maguinho com os olhos esbugalhados e quase chorando falou:

- É mesmo, velho? Quer dizer que é assim a ponto cru? Não tem nem um lerozinho no pé do ouvido? Porra, velho!

E deu trabalho para convencer o Maguinho que aquilo era brincadeira do primo do Galego.

O BANHO INESQUECÍVEL

Turma de 1977, excursão de Geologia do Brasil, com Bley e Rolim. Conta-se que quando o ônibus de estudantes de geologia chega em Caldas do Jorro – BA, sempre se encontra um francês que tem uma casa espaçosa oferecendo pousada. Quando se é estudante, geralmente se é liso também e a tendência do pessoal é aceitar, mesmo que seja com alguma desconfiança.

Quando o ônibus parou, o francês estava lá. Era um senhor de uns 50 anos, cara de gente boa e desenrolado.

- Você, você, você e você. Os quatro vão dormir lá em casa.

Fabriciano Lima Neto (Fabrício), foi um dos escolhidos. Disse para Paulinho:

- Epa, eu vou. Aproveito e economizo. Vamos, eu falo com ele!

- Eu, nem... estou desconfiado com esse francês.

Fabrício foi com os outros três e Paulinho foi levar a bagagem para o hotel. Depois foi tomar uma cervejinha com a turma antes do banho.

Não demorou uma hora, aparece Fabrício todo ensaboadado, de calção e com a mala debaixo do braço.

- Paulinho, o francês é fresco! Queria me dar um banho inesquecível, um banho inesquecível!!! Tem uma vaga no teu quarto?